

PROLEGÔMENO PARA UMA TAXONOMIA DE DICIONÁRIOS DO FRANCÊS

Félix Valentin Bugueño Miranda*

INTRODUÇÃO

De forma análoga à lexicografia hispânica, e parafraseando Müller (1980), é possível afirmar que a língua francesa também possui relações específicas com o dicionário. Quemada (1990, p. 870), por exemplo, contabiliza um total de 15.000 dicionários do século XVII até a data de publicação do seu trabalho. Além disso, deve-se mencionar o dado estatístico arrolado em Pruvost (2002, p. 5), que contabiliza outros 916 dicionários entre 1994 e 1996. Evidentemente, em vários casos, trata-se de sobreposições em ambos os cálculos, já que muitos títulos correspondem a reedições, mas, como o próprio Pruvost (2002, p. 15) destaca, a lexicografia francesa se caracteriza por “uma forte vitalidade e uma engenhosa continuidade” [une forte vitalité et une ingénieuse continuité].

Mais precisamente, a lexicografia francesa tem uma relação intrínseca com a orientação no uso da língua¹. De fato, Molinari (2007, p. 185) comenta que “na França, a compilação de obras lexicográficas está estreitamente unida à elaboração da norma linguística” [en France le développement des instruments lexicographiques s’accompagne de l’élaboration de

* Professor de Lexicografia, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLET-UFRGS).O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no Institut für Romanistik da Universidade de Paderborn / Alemanha com o auxílio de uma bolsa do Convênio CAPES/ DAAD (BEX 13951/13-0). Agradeço à Profa. Dra. Jutta Langenbacher-Liebott o convite e o seu acolhimento acadêmico e pessoal. Agradeço também à colega Lúcia Sá Rebello pela possibilidade de publicar este trabalho.

¹ Emprega-se a expressão *orientação no uso da língua* pelo caráter negativo conferido, no Brasil, a denominações como *norma culta* ou *norma padrão*. Para um panorama dessa problemática no Brasil, cf. Zanatta (2009).

la norme linguistique].

Nesse panorama, um fato determinante que explica, em grande medida, a afirmação feita no parágrafo anterior é a doutrina do *bon usage* [o bom uso [sc. da língua]], que se perpetuou desde o século XVII, e que advogava em favor de um purismo cuja norma de referência era o francês da elite social (cf. Kolboom; Kotschi; Reichel, 2002, p. 33). No entanto, e segundo Braselmann (1999, p. 4), já no século XVI, consolidou-se, na França, “um discurso linguístico normativo” [ein sprachnormatives Diskurs], de modo que é possível afirmar que a doutrina do *bon usage* é a institucionalização desse discurso, executada, dentre outros, pela Académie Française. Dessa forma, a importância do dicionário como codificação normativa da língua, começando por DAc (1694)², é um *continuum* que articula grande parte da lexicografia francesa.

Essa consciência idiomática faz parte daquilo que a moderna sociolinguística chama de *crenças* [beliefs] sobre a própria língua materna e/ou sobre outras línguas (cf. LoLTeAL, 2002, s.v. *belief systems*; ver também Crystal (2010, p. 1-5)). Em termos concretos, existe claramente, na França, uma atitude purista (cf. Paveau; Rosier, 2008, p. 36-37). Berschin; Felixberger; Goebel. (2008, p. 227) demonstram, em plena coincidência com o exposto por Braselmann (1999), que a questão central tanto na França do século XVI como hoje não é discutir se a orientação no uso da língua (*norme linguistique*) é fundamental ou não, mas onde buscar essa orientação. Em termos diassistêmicos, diatopicamente, considerou-se a realização linguística de Paris; em termos diamésico-diastráticos, considerou-se a fala da corte³. A doutrina do *bon usage* é simplesmente a consagração institucional dessa atitude [ingl. *attitude*]⁴.

² Seguindo a norma da metalexigrafia européia, as obras lexicográficas aparecem identificadas por uma sigla. Na Bibliografia fornece-se a referência completa.

³ Berschin; Felixberger; Goebel (2008, p. 229) salientam que o caráter referencial da fala estava assegurado desde que a fala coincidissem com os usos linguísticos dos melhores escritores da época.

⁴ MLSp (2010, s.v. *Einstellung*) afirma que “[...] a atitude perante as línguas cumpre um papel fundamental, como por exemplo, no status de variedades linguísticas, [...], assim como na escolha de variedades linguísticas e (socialmente) marcadas para efeitos da funcionalidade de repertórios verbais, relacionando-se, dessa forma, com questões atinentes à postura perante a língua [...]” “[...] spielt die E. gegenüber Spr. eine wesentliche Rolle, so z.B. für den Status von Spr. [...] und die (sozial) markierte Sprachenwahl, für die Funktionalität verbaler Repertoires und damit verbunden Fragen der Spracherhaltung [...]”.

Assim, o *bon usage* e os *believes* desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da lexicografia francesa, e, conseqüentemente, no panorama das obras lexicográficas que ela oferece. A preocupação com o bom falar e com o fato idiomático em geral leva Quemada (1990 p. 870) a afirmar que “[...] a França pode ser considerada, em muitos aspectos, a terra de eleição dos dicionários” [la France peut être considérée à bien des égards comme la terre d’élection des dictionnaires].

Curiosamente, e embora exista uma preocupação evidente com a língua, conforme se comentou anteriormente, não há muitos trabalhos que ofereçam uma visão de conjunto das obras lexicográficas disponíveis, e, nos casos presentes na literatura, essa visão está sempre circunscrita a alguma condição especial. Em progressão cronológica, citamos os casos de Matoré (1968), Dubois; Dubois (1971), Baldinger (1974), Müller (1985) e Quemada (1990). Em relação a Matoré (1968), trata-se de uma ordenação cronológica da lexicografia francesa até os inícios dos anos 60. Para muitos dos dicionários citados, há uma descrição das suas características e conteúdo, mas não é possível ter uma visão de conjunto. No caso de Dubois; Dubois (1971), o único dicionário rigorosamente analisado é o DFC (1966). Em relação a Baldinger (1974), há uma exposição que permite ter uma visão de conjunto, mas essa ordenação diz respeito somente aos dicionários diassistemicamente restritos à diacronia, além de se considerar, na análise, o FEW (1927-1983) que, *stricto sensu*, é um dicionário da tradição lexicográfica suíça, embora referente à história e etimologia do francês. Müller (1985), por sua vez, elabora um panorama parcial, na medida em que o conjunto de obras lexicográficas elencadas é ordenado de acordo com três parâmetros: 1) sua condição prescritiva, 2) sua condição não prescritiva 3) sua condição de registro do léxico atual do francês (em oposição implícita às obras prescritivas). Embora ofereça dados fundamentais, a própria exposição não foi concebida para oferecer um panorama abrangente das obras lexicográficas disponíveis (falta, por exemplo, o tratamento das obras de orientação onomasiológica, ortográfica, do argot, etc.). A tentativa de classificação mais elaborada é a de Quemada (1990), que oferece, a exem-

plo de Matoré (1968), um panorama histórico da lexicografia francesa, embora, nesse caso, ofereça-se uma imagem mais estruturada de dita tradição lexicográfica em questão. Há um princípio de ordenação, que consiste em classificar as obras lexicográficas segundo elas sejam “gerais” [générale] ou especializadas [spécialisée], que, por sua vez, podem ser mono- ou plurilíngues, didáticas ou culturais [culturelles], descritivas ou históricas, etc. É exatamente nesse ponto que a proposta de classificação de Quemada (1990) perde consistência, na medida em que o disjuntor *ou* exprime uma oposição equipolente, que, na verdade, é inexistente. Além disso, é sensível a falta de qualquer menção às obras de orientação onomasiológica, tão presentes na lexicografia francesa. Tampouco é possível deixar de mencionar Grevisse; Goosse (2008, p. 1535-1536). Embora se trate de uma gramática, oferece informações abrangentes da língua em todas as suas dimensões. Contudo, há somente uma breve exposição sobre dicionários, classificados em “dicionários” (um parâmetro muito pouco preciso, pois junta dicionários de orientação semasiológica com dicionários bilíngues, por exemplo), “dicionários especiais e repertórios diversos” (parâmetro com exemplos escassos e heterogêneos) e “dicionários etimológicos”.

1 SOBRE A TAXONOMIA PROPOSTA

A classificação proposta segue o modelo de Bugueño Miranda (2014). Na elaboração dessa taxonomia, é necessário considerar os seguintes princípios:

- a) uma taxonomia é sempre um *tertium comparationis*;
- b) uma taxonomia espelha sempre as especificidades de uma dada tradição lexicográfica;
- c) na taxonomia proposta, não serão consideradas as obras lexicográficas em suporte eletrônico;
- d) na taxonomia proposta, não serão consideradas as obras lexicográficas de outras tradições em língua francesa.

Explicitação dos princípios:

a) o modelo proposto almeja servir como uma base de comparação para diferentes tradições lexicográficas. Considerando que as obras lexicográficas são instrumentos de resolução de determinadas tarefas linguísticas e cogitadas para atender às necessidades de um grupo de usuários específicos, um modelo de representação de tradições lexicográficas deve oferecer a opção de comparação entre essas tradições, a fim de permitir ao usuário saber se as obras disponíveis em outra tradição correspondem às suas necessidades de busca;

b) não há uma taxonomia de aplicação universal. Isso significa que os parâmetros de classificação nem sempre são plenamente coincidentes com a tradição lexicográfica que tentam descrever;

c) Pruvost (2000, apud Klare, 2004, p. 29) distingue, para o francês, entre a *galaxie Gutemberg*, ou seja, os dicionários impressos, e a *galaxie électronique*, ou seja, os dicionários em formato digital. No entanto, as obras em suporte eletrônico não serão consideradas em função de dois fatores. Primeiramente, a relação associativa que se estabelece entre o meio digital e o dicionário só gradualmente se desloca do processamento de linguagem natural para formatos de dicionários para usuários comuns. A esse respeito, Heid (2013, p. 25) comenta que “o foco parece se afastar dos dicionários para PLN e se deslocar (de volta?) para novos tipos eletrônicos de dicionários para usuários humanos”. [the focus seems to go away from dictionaries for NLP and rather to move (back?) towards new electronics types of dictionaries for human users]. Além disso, é necessário reconhecer que os dicionários em suporte eletrônico se diferenciam dos dicionários em suporte impresso só no que diz respeito a uma estrutura de acesso mais rápida. No caso específico da língua francesa, TLFi (2004) é um exemplo paradigmático (cf. Trotter, 2013, p. 666) para um panorama da lexicografia francesa em suporte digital). Empregando uma distinção proposta por Brey (1989), nas obras em formato digital, é maior o “potencial de consulta” [*consultabilité*], mas não o “potencial de legibilidade” [*lisibilité*]. Além dis-

so, embora a metalexiconografia francesa acostume a estabelecer e salientar essa diferença, na prática, a maior parte das obras em formato eletrônico, além de ser uma transposição ao formato digital de obras impressas, como já se comentou, ou correspondem a edições *on line* muito antigas ou são obras de uma duvidosa qualidade (cf. Schafroth (2014) para uma análise detalhada)⁵;

d) embora o francês seja língua oficial de vários países, o problema da norma, que é comum a esses países, e que determina, em grande medida, a lexicografia em língua francesa, é eminentemente francês. No caso específico do Canadá, Rey; Duval; Siouffi (2007, p. 1146) observam, no entanto, que o francês quebequense apresenta uma particularidade que o distingue da realização da língua na França. Por essa razão, a lexicografia em francês quebequense merece um tratamento individual.

2 UMA TAXONOMIA RELACIONADA A UMA TRADIÇÃO PARTICULAR

Em Bogueño Miranda (2008), já se sugeria que a classificação de dicionários não se pode decupar da tradição que essa classificação almeja espelhar. Em termos concretos, é fundamental a correlação entre o formalismo que significa uma classificação⁶ e as particularidades que a própria tradição lexicográfica apresenta. No caso da lexicografia francesa, essa correlação é evidente. A lexicografia francesa, como um todo, é produto de três constantes:

1. trata-se de uma lexicografia com bases extremamente sólidas, que a determinam até o presente. Conforme se ressaltou anteriormente, Pruvost (2002, p. 15) a qualifica como uma lexicografia de “uma forte vitalidade y de uma engenhosa continuidade” [une forte vitalité et

une ingénieuse continuité]. Produto disso é que a literatura especializada não prescinde jamais de uma visão historicista, como, por exemplo, Quemada (1990) ou Pruvost (2002, especialmente p. 92-113);

2. é uma lexicografia claramente normativa⁷. O século XVII é fundamental para entender a tendência ainda claramente vigente em relação à orientação no uso da língua. Nesse contexto, as figuras de François Malherbe e Claude Favre, seigneur de Vaugelas são fundamentais. Malherbe advogou em favor da clara rejeição dos usos dialetais, dos arcaísmos, dos neologismos e do abuso na sinonímia. Por sua vez, corresponde a Vaugelas ter formulado a doutrina do *bon usage* [bom uso]. Seu impacto foi de tal magnitude, que as *remarques* (primeira palavra do título da sua obra *Remarques sur la langue française, utiles à ceux qui veulent bien parler et bien écrire* [Observações sobre a língua francesa, úteis àqueles que querem falar e escrever bem]) constituem um gênero na linguística francesa (cf. Ayres-Bennett, 2004, p. 23);

3. em função dos argumentos precedentes, a lexicografia francesa presta especial atenção a dois aspectos da língua: correção ortográfica e adequação léxica. Paveau; Rosier (2008, p. 210 e ss.) referem-se a esse último aspecto distinguindo entre “as boas maneiras lexicais” [les bonnes manières lexicales] e “as más maneiras lexicais” [les mauvaises manières lexicales]. Em termos concretos, preservar as boas maneiras lexicais implica uma preocupação pela etimologia⁸, por encontrar a expressão léxica justa e pela conservação das palavras raras⁹. Combater as más maneiras léxicas significa, por outro lado, evitar as palavras *passé-partout* (arquilexemas como *chose*), o abuso léxico, o uso neológico, a cacofonia, as palavras vulgares e os estrangeirismos.

A própria dinâmica lexicográfica francesa tem como consequência uma dificuldade em relação à profusão de nomes com que são rotuladas as

⁵ Buridant (2013, p. 537-538), em uma resenha de um número sobre lexicografia em suporte digital da revista *Lexique* v.19 (2009), enumera, além dos fatores elencados *ad supra*, outros dois que, embora não sejam objeto deste trabalho, devem ser levados em conta no momento de avaliar a lexicografia em suporte digital. Por um lado, a divergência negativa que supõe a transposição da versão impressa para a eletrônica de muitos dicionários, como, por exemplo, no que diz respeito às gravuras. Em outras palavras, o dicionário perde qualidade. Por outro lado, e de maneira especial no âmbito anglo-saxônico, a lexicografia em formato digital deixa de ancorar as suas decisões nos avanços da linguística teórica e se centra no automatismo dos programas computacionais.

⁶ Um formalismo é um conjunto de procedimentos que servem para a representação de uma teoria ou de um constructo (cf. HWtbPhil, 1993, s.v. *Formalisierung*).

⁷ Embora, *de facto*, a tendência normativa seja clara na lexicografia francesa, há também sinais em prol de uma relativização na orientação idiomática (cf., por exemplo, Rey, 2007), assim como também se procura discutir as bases mesmas da doutrina normativa (cf., por exemplo, Ledgen, 2000).

⁸ A esse respeito, cf. o comentário etimológico s.v. *locomotive* em ExprLocRob (2007).

⁹ Ver, por exemplo, *pétroleuse* s.v. *pyromane* em SynRob (2005).

diferentes obras lexicográficas e que, às vezes, criam uma linhagem tão própria, que acaba dificultando seu tratamento classificatório. Citamos aqui dois casos que apresentam resultados muito diferentes no momento de avaliá-los com fins classificatórios. Por um lado, estão as classes *Petit* (PLa (2010) e PRob (2010), respectivamente), que constituem versões reduzidas de *editiones maiores*. Nesse caso particular, há uma articulação advinda da própria iniciativa editorial, que se deixa classificar sem grandes problemas no âmbito de uma taxonomia. Por outro lado, estão casos como os ponderativos *universel, culturell, encyclopédique* ou *méthodique* (como GrLaEnc, 1982; e RobMéth, 1987).

A taxonomia refletirá de maneira explícita as considerações precedentes. Por um lado, as tendências linguísticas que caracterizam o francês se deixam refletir claramente nas expressivas preferências que o enquadramento taxonômico apresenta. Por outro lado, as designações *sui generis* com que muitas vezes a lexicografia francesa nomeia suas próprias obras também têm um reflexo no quadro taxonômico, na medida em que nem sempre é possível estabelecer de maneira clara e unívoca a correlação entre os descritores taxonômicos e os títulos conferidos a muitas obras. A Figura 1 (anexo 1) apresenta a taxonomia proposta. Por razões de espaço, só foi fornecido um exemplo de obra lexicográfica por genótipo lexicográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES-BENNETT, W. De Vaugelas à nous jours. Comment définir le genre des remarques sur la langue française ? In: CARON, Philippe (éd.). *Les remarques sur la langue française du XVI^e siècle à nous jours*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 19-29.

BALDINGER, K. *Introduction aux dictionnaires les plus importantes pour l'histoire du français*. Paris: Klincksieck, 1974.

BERSCHIN, H.; FELIXBERGER, J.; GOEBL, H. *Französische Sprachgeschichte*. Darmstadt: WBG, 2008.

BRASELMANN, P. *Sprachpolitik und Sprachbewusstsein in Frankreich heute*. Tübingen: Niemeyer, 1999.

BRAY, L. Consultabilité et lisibilité du dictionnaire: aspects formals. In: HAUSMANN, F.J.; REICHMANN, O.; WIEGAND, H.E.; ZGUSTA, L. (Hrsgn.) *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin/New York: de Gruyter, Band 1, 1989, p.135-145.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas. Proposta de uma taxonomia. *ALFA*. São Paulo, n. 58/1, p. 215-231, 2014. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5378/4924>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

_____. Panorama da lexicografia alemã. *Contingentia*. Porto Alegre, n. 3/2, p. 89-110, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/6508/4241>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

BURIDANT, C. Resenha a Lexique 19. Changer les dictionnaires? Numéro coordonné par P. Corbin / N. Gasiglia. *Revue de Linguistique Romane*. Strasbourg, n. 76, p. 537-538, 2013.

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: CUP, 2010.

DUBOIS, J.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.

HEID, U. The impact of computational lexicography. In: GOUWS, R.H.; HEID, U.; SCHWEICKARD, 11W.; WIEGAND, H.E. (Eds.). *Dictionaries*. An International Encyclopaedia of Lexicography. Berlin/Boston: de Gruyter, Band 4, 2013, p. 24-31.

HWtbPhil. Rehfus, Wulff (Hrsg.). *Handwörterbuch Philosophie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.

GREVISSE, M.; GOOSSE, A. *Le bon usage*. Grammaire française. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 2008.

KLARE, J. Französische Wörterbuchkultur – Tradition und Neuerung. In: SCHARNHORST, J. (Hrsg.). *Sprachkultur und Lexikographie*. Von der Forschung zur Nutzung von Wörterbüchern. Frankfurt am Main: Lang, 2004, p. 25-72.

KOLBOOM, I.; KOTSCHKI, Th.; REICHEL, E. *Handbuch Französisch*. Sprache, Kultur, Gesellschaft für das Studium, Lehre, Praxis. Berlin: Erich Schmidt, 2002.

LEDGEN, G. *Le bon français*. Les étudiants et la norme linguistique. Paris: L'Harmattan, 2000.

LoLTeAL. RICHARDS, J.C.; SCHMIDT, R. *Longman Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics*. London: Longman, 2002.

MATORÉ, G. *Histoire des dictionnaires français*. Paris: Larousse, 1968.

MLSp. Glück, H. (Hrsg.). *Metzler Lexikon Sprache*. Stuttgart: Metzler, 2010.

MOLINARI, Ch. « Francophonisme » et lexicographie: enjeux linguistiques et sociolinguistiques. In : GALAZZI, Enrica; MOLINARI, Chiara (éds.) *Les français en émergence*. Berne : Peter Lang, 2007, p. 183-202.

MÜLLER, B. *Le français d'aujourd'hui*. Paris: Klincksiek, 1985.

_____. El proyecto de un diccionario del español medieval (DEM) y el estado de la investigación en el campo del léxico del español antiguo. *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*. Paris : Klincksiek, n. 5, p.175-194, 1980.

PAVEAU, M.-A.; ROSIER, L. *La langue française*. Passions et polémiques. Paris: Vuibert, 2008.

PRUVOST, J. *Les dictionnaires de la langue française*. Paris: PUF, 2002.

QUEMADA, B. Französisch: Lexikographie. In: HOLTUS, G.; METZELTIN, M.; SCHMITT, Ch. (Hrsgn.) *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, Band V/1. Tübingen: Niemeyer, 1990, p. 869-894.

REY, A. *L'amour du français*. Contre les puristes et autres censeurs de la langue. Paris : Denoël, 2007.

REY, A.; DUVAL, F.; SIOUFFI, G. *Mille ans de langue française*. Paris: Perrin, 2007.

SCHAFROTH, E. *Französische Lexikographie*. Berlin: de Gruyter, 2014.

TROTTER, D. Gallo-Romance II: Synchronic lexicography. In: GOUWS, R.H.; HEID, U.; SCHWEICKARD, W.; WIEGAND, H.E. (Eds.). *Dictionaries*. An International Encyclopedia of Lexicography. Berlin/Boston: de Gruyter, Band 4, p. 663-672, 2013.

ZANATTA, F. *A normatividade e seu reflexo em dicionários semasiológicos do português*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras UFRGS, Porto Alegre, 2010.

DICIONÁRIOS CITADOS

DAc. (1694). *Dictionnaire de l'Académie Française*. Paris: Chez la Veuve de JEAN BAPTISTE COIGNARD, Imprimeur ordinaire du Roy & de l'Académie Française.

DFC (1966). Dubois, Jean et alii. *Dictionnaire de français contemporain*. Paris: Larousse.

DFrangl (1980). *Dictionnaire de français*. Paris: Guy Le Prat.

DFV (1976). DAVAU, Maurice ; COHEN, Marcel ; LALLEMAND, Maurice. *Dictionnaire du français vivant*. Paris : Bordas.

DHomLa (2009). *Dictionnaire des homonymes*. Paris: Larousse.

DInvF (1965). JUILLAND, A. *Dictionnaire inverse de la langue française*. The Hague: Mouton.

DPronon (1989). WARNANT, Leon. *Dictionnaire de la prononciation française*. Paris : Duculot.

Dsyn (2003). BARATIN, Marc; BARATIN-LORENZI, Mariane. *Dictionnaire des synonymes*. Paris : Hachette.

DSynAnAnt (2007). BOUSSINOT, Roger. *Dictionnaire Bordas Synonymes, analogies et antonymes*. Paris: Bordas.

ExprLocRob (2007). Rey, Alain; Chantreau, Sophie. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Le Robert.

FEW (1927-1983). WARTBURG, W.v. *Französisches Etymologisches Wörterbuch. eine Darstellung des galloromanischen Sprachschatzes*. Bonn: Klopp.

GrLaEnc (1982). *Grand dictionnaire encyclopédique Larousse en 15 volumes*. Paris: Larousse.

LanVerte (2007). MERLE, Pierre. *Nouveau dictionnaire de la langue verte. Le français argotique et familier au XX^e siècle*. Paris: Denoël.

MoRégFr (1992). DEPECKER, Loïc. *Les mots des régions de France*. Paris : Belin.

OrtRob (2002). JOUETTE, André. *Dictionnaire d'orthographe et expression écrite*. Paris: Le Robert.

PiègesFr (2007). Girodet, Jean. *Pièges et difficultés de la langue française*. Paris: Bordas.

PLa (2008). *Le Petit Larousse Illustré*. Paris: Larousse.

PROB(2010). REY, Alain (éd.). *Le Petit Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue Française*. Paris: Le Robert.

RobMéth (1987). REY-DEBOVE, J. *Le Robert Méthodique. Dictionnaire méthodique du français actuel*. Paris: Le Robert.

SynRob (2005). *Dictionnaire des synonymes et nuances*. Paris: Le Robert.

TLFi (2004). *Le Trésor de la langue française informatisé. Dictionnaire de la langue du XIX^e et du XX^e siècle (1789–1960)*. Paris / Nancy-Metz: CNRS / Université de Lorraine. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

ANEXO 1

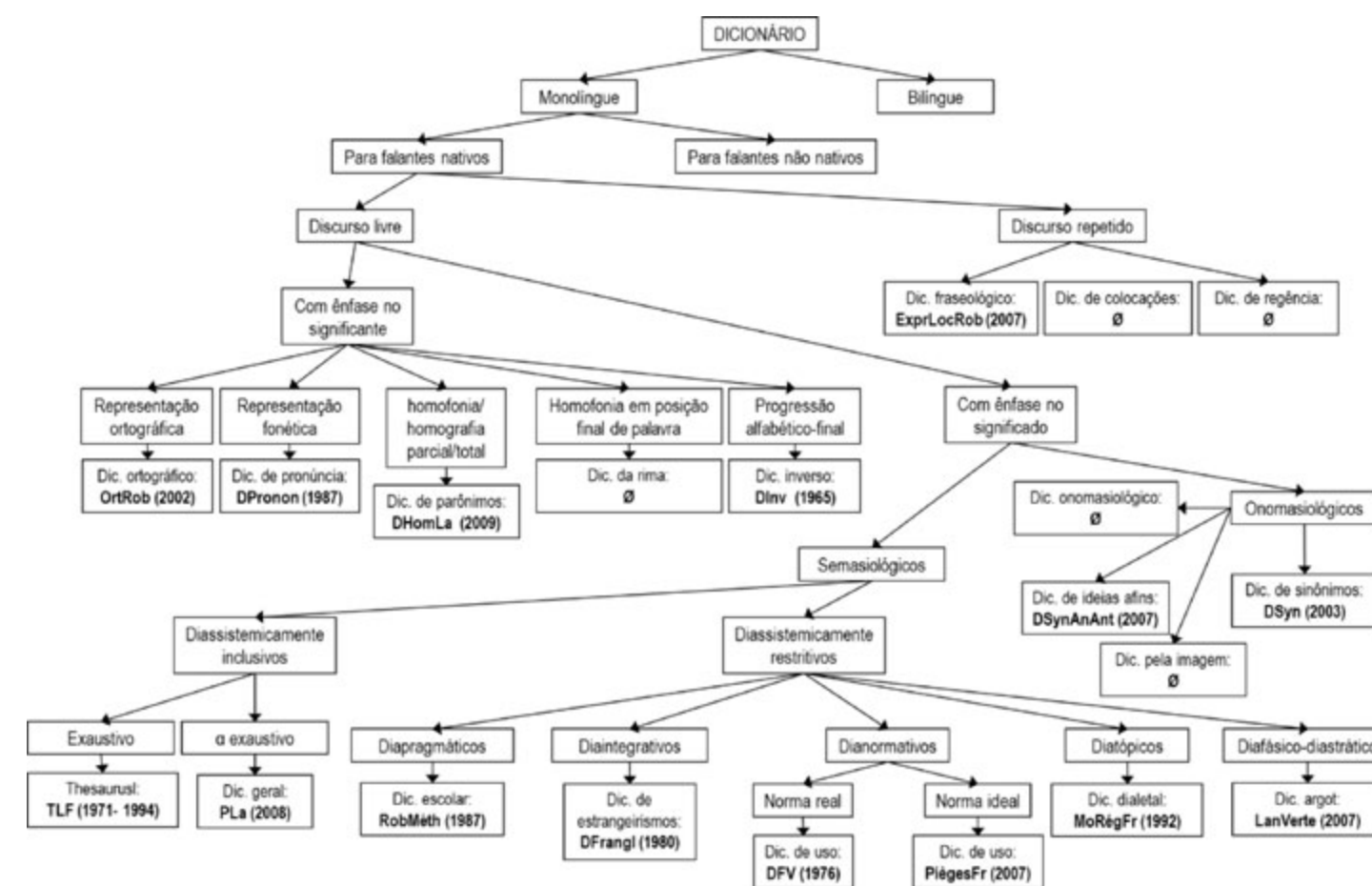


Figura 1 – Taxonomia de obras lexicográficas francesas